

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTELLECTO, NA PERSPECTIVA DE SÃO BOAVENTURA DE BAGNOREGIO

CONCEIÇÃO SOLANGE BUTION PERIN (FAFIPA).

Resumo

Este trabalho fará uma análise histórica, do final do século XIII, sobre a importância da leitura interpretativa e reflexiva para o desenvolvimento do intelecto humano. Este estudo será realizado a partir de textos de São Boaventura de Bagnoregio. O autor analisa as palavras de Deus deixadas aos homens, conforme a Sagrada Escritura. Nesse sentido, ele dirige suas explicações para os mestres da Universidade Parisiense e revela que os ensinamentos de todas as coisas devem estar pautados nas Palavras Divinas. O autor explicita a importância do desenvolvimento intelectual para o entendimento da verdade das coisas terrenas. Suas discussões se fundam na idéia da inteligência que Deus teria dado aos homens e a possibilidade do uso e desenvolvimento do intelecto para a compreensão e interpretação de mundo e de tudo que o compõe. Essas discussões foram apresentadas por Boaventura, na Universidade de Paris, com o objetivo de despertar nos indivíduos a crença em Deus a partir do intelecto e verem nele o criador de tudo e de todos. Todavia, pelo intelecto poderiam compreender as coisas e os elementos da natureza que os cercavam. Logo, para ele, o princípio do conhecimento era o que favoreceria o desvendar da verdade. Nesse sentido, para este estudo, faremos uma leitura aprofundada de algumas obras do autor em tela, além de nos pautarmos em autores como J. Bougerol, Marc Ozilou, De Boni, entre outros, que nos fornecem uma compreensão sobre a educação desse momento histórico, apresentando a leitura como um elemento essencial para o desenvolvimento da inteligência.

Palavras-chave:

Leitura reflexiva, São Boaventura, Universidade de Paris.

Analisar a importância da leitura e da escrita requer uma reflexão sobre o papel de cada uma para o desenvolvimento cognitivo. Neste sentido, quando nos propomos a fazer essa discussão, não estamos somente avaliando que a leitura e a escrita cumprem um papel fundamental na sociedade para uma comunicação formal e interpretativa, mas sim que ambas são essenciais para a organização do pensamento e que revelam, por meio das palavras, a flexibilidade do intelecto.

Logo, expressar o pensamento mediante a leitura, comunicação e escrita é apresentar uma ordenação de ideias que deve coadunar com o sentido das palavras e com a formação de frases que levem à interpretação do leitor e/ou do ouvinte. Aparentemente, nos parece automático aprendermos a falar muito cedo; e o aprender a ler normalmente ocorre na transição da idade biológica, que permite a iniciação escolar. Entretanto, o que presenciamos na sociedade são alunos com grande dificuldade de leitura e de escrita e, muitas vezes, sem condições de interpretação de textos.

Essa discussão está na ordem do dia e julgamos ser bastante pertinente. Lemos e ouvimos de vários autores que os alunos estão adentrando nas universidades com dificuldades de interpretação, de leitura e de escrita. Diante disso, as seguintes questões se nos impõem: O que fazer? Como preencher essa lacuna? Como ensinar o conteúdo científico se há dificuldades de interpretações em textos mais simples? Essas são algumas perguntas que nos fazemos ao participar de debates. Esse tema, contudo, não é atual, talvez assim pareça porque deixamos de nos

preocupar com o enriquecimento do vocabulário dos alunos e quando percebemos estes já estavam abreviando as palavras para escrever e se comunicar, escrevendo erroneamente e não cumprindo a formalidade exigida pelos padrões da Língua Portuguesa.

Nesse âmbito, objetivamos apresentar neste trabalho é que essa preocupação com a leitura e a escrita remonta ao passado, e a valorização da leitura, da escrita e da comunicação sempre teve uma conotação expressiva, pois aprender a usar as palavras, ler e a escrever corresponde a pensar e a refletir sobre as próprias ações. Para alguns autores da medievalidade, esse era o ponto principal para levar os homens a perceberem que o pensamento deveria ser organizado e reflexivo para a organização da própria vida.

O autor central para este estudo é São Boaventura de Bagnoregio, do final do século XIII, que usou seu intelecto para proferir algumas conferências na Universidade de Paris a fim de revelar aos indivíduos que a vida terrena deveria se pautar nos mandamentos de Deus, porque acreditava que a boa conduta levá-los-ia a conseguir, um dia, voltar às raízes da criação, ou seja, à vida eterna. Entretanto, segundo Boaventura, para isso era preciso que os homens soubessem interpretar os Ensinamentos Sagrados e os seguissem, porque somente assim desenvolveriam o intelecto e entenderiam Deus e as suas criações.

Boaventura não foi o único autor a se debruçar sobre essa temática; diversos autores se ativeram às palavras divinas e aos seus significados. Dentre eles, destacamos Hugo de São Vitor[1], citado inúmeras vezes por Boaventura em suas obras por impor, no século XII, regras de estudo para a leitura.

"Três coisas são necessárias aos estudantes: 1) as qualidades naturais, 2) o exercício e 3) a disciplina. As qualidades naturais, pra que entenda facilmente aquilo que ouve e memorize firmemente aquilo que entendeu. O exercício, para que eduque as qualidades naturais mediante o trabalho e a persistência. A disciplina, para que, vivendo em modo louvável, harmonize a conduta com o saber". (SÃO VITOR, 2001:147).

De acordo com São Vitor, para desenvolver as três coisas necessárias para o estudo o indivíduo tinha de ter a inteligência e a memória à disposição das atividades, porque sem uma delas o processo de aprendizagem seria inviável. São Vitor se referia aos quesitos biológicos naturais que Deus deu a cada ser humano e que estavam presentes na maioria das pessoas. No entanto, ele afirmava que para o uso da inteligência e da memória ambas deveriam ser desenvolvidas e, para isso, precisavam de exercícios e disciplina.

O exercício, conforme São Vitor, acontecia por meio da leitura e da meditação. Para o autor, a leitura favorecia regras e preceitos que levavam à ordem da leitura, visto que cada disciplina tinha uma forma de ser lida e interpretada, e portanto deveria ter um método de leitura, que correspondia ao modo de ler. Ainda para São Vitor, o modo de ler consistia em uma divisão, ou seja, a divisão do material para o abstrato, a fim de se chegar à meditação. Por exemplo, a leitura das coisas deveria ser iniciada por aquilo que já se conhecia na sua totalidade para depois chegar às particularidades de difícil compreensão. Este autor ainda se pronuncia sobre *A ordem da exposição do texto* com o seguinte texto:

A exposição de um texto contém três elementos: 1) a letra, 2) o significado, 3) o pensamento. Em toda narração há a letra, pois as próprias vozes são letras, mas o significado e o pensamento não se encontram juntos em todas as narrações. Algumas contém somente a letra e o significado, outras somente a letra e o

pensamento, algumas os três elementos juntos. Toda narração deve ter ao menos dois elementos. Possui somente letra e significado a narração na qual, pelo próprio enunciado algo é significado tão claramente, que nada mais resta a subentender. Possui somente a letra e pensamento aquela narração na qual o ouvinte não pode conceber nada a partir da sua enunciação, se não é acrescentada uma exposição (SÃO VITOR, 2001: 257).

Hugo de São Vitor pontua que deveria haver uma complexidade de pensamento para compreender o significado de um texto, e em sua visão a compreensão desses signos se dava somente pelo uso da reflexão. As letras e as palavras eram os signos mais completos de abstração e significados, porque o indivíduo, para entender a mensagem oral ou escrita, teria de abstrair as letras e formar palavras que correspondiam a uma interpretação de sons ou de textos que produziam uma comunicação entre duas ou mais pessoas.

Boaventura faz uma exposição relativa à importância da leitura, da escrita e da comunicação muito parecida com a de São Vitor, ao asseverar que o homem, para desenvolver o seu intelecto, deveria saber ler e interpretar os ensinamentos de Deus, pois assim ele aprenderia a usar as ciências e entenderia a criação de todas as coisas. Em seu entendimento, ao usar o raciocínio e compreender o que estava posto, ocorreria uma reflexão sobre a criação do mundo e de tudo o que o compunha, e com isso se chegaria à abstração, que para o autor era compreender Deus como único criador de tudo e de todos.

Para explicar sobre Deus e a sobre a inteligência que Este proporcionou aos homens, Boaventura retoma a discussão, já realizada por São Vitor, sobre a compreensão das letras e das palavras, preconizando que,

Or l'Écriture a de nombreuses intelligences, parce que telle doit être la voix de Dieu afin d'être <>. Les autres sciences sont contenues sous un seul sens, mais en elle le sens est multiple, et les mots et les choses signifient. Or dans les autres sciences les mots seuls signifient, parce que chaque doctrine est déterminée par des signes qui lui conviennent. Aussi les lettres e les mots, dont les lettres sont les principes, sont les signes des intellectes sont limités et finis, pour cette même raison les mots le sont également, afin que, le nom étant posé, il n'y ait pas d'usage équivoque (BOAVENTURA, 1991: 306).

Para Boaventura, a Sagrada Escritura representava as letras e as palavras de Deus ou o ensinamento divino que poderiam ser entendidos pelo pensamento reflexivo, também favorecido pelo Criador. Para isso, Deus criou o intelecto, para que por meio dele o homem pudesse compreender e fazer uso das palavras e de seus significados, e explicar que Deus era o criador das almas, da inteligência, das palavras, dos signos e do sentido que os signos exprimiam.

Este autor vai além da questão da importância da leitura, da escrita e da interpretação das palavras, discorrendo acerca do uso das palavras por meio da fala. Para ele, tudo estava muito relacionado, porque para a organização do pensamento era preciso entender o que se pensa com as palavras. Não obstante, ele pontuava que a compreensão abstrata só era realizada quando havia uma ordenação das ideias e passado pelo conhecimento das ciências.

São Boaventura procurava mostrar aos indivíduos que falar era, sem dúvida, um ato propiciado pelo Criador e, portanto, tinha poder: se essas pessoas não fizessem bom uso das palavras, isso poderia desencadear consequências ruins, como ofensas, injúrias, blasfêmia.

Boaventura entendia que o uso das palavras era um motivo de preocupação e reflexão, pois somente quando o indivíduo pensava e analisava suas palavras com paciência podia se tornar um bom orador.

O silêncio, ou a medida das palavras seria uma das melhores virtudes porque, na acepção do autor, as palavras mal ditas e mal usadas correspondiam a pecados e agressões. Por esse motivo, o homem que falava pouco e tinha a sensatez das palavras normalmente era justo e produzia a paz.

A paz, para Boaventura, era o primórdio da perfeição da vida, ou seja, aquele que conseguia ter ou preservar a paz provavelmente seguia os ensinamentos de Deus e tinha o corpo e a alma sustentados pelas Sagradas Escrituras.

"[...] é-lhes igualmente necessário o silêncio, pelo qual é conservada a paz, tanto do coração como do corpo. Neste sentido, diz o profeta *Isaías*, considerando a virtude do silêncio: *A obra da justiça é a paz, e o culto da justiça é o silêncio*, como se dissesse: tal é o poder do silêncio que conserva no homem a justiça para com Deus e entre os semelhantes nutre e guarda a paz. Se o homem não põe com muito cuidado *uma guarda à sua boca*, não só dissipará bem cedo as graças que recebeu, mas incorrerá ainda em muitos males". (BOAVENTURA, 1985: 420).

Como a língua era um pequeno órgão que provocava intemperanças na vida das pessoas, se elas não soubessem fazer proveito dele, este acabaria sendo transformado, conforme as palavras do autor, em um "veneno mortífero".

"[...] Queres ouvir e saber quantos males produz a língua, quando não é guardada solícitamente? Pois ouve: a língua produz a blasfêmia, a murmuração, a defesa do pecado, o perjúrio, a mentira, a detração, a adulação, as pragas, as injúrias, as rixas, a ridicularização dos bens, os maus conselhos, a difamação, a jactância, a revelação dos segredos, as ameaças e promessas arrogantes, o excesso no falar, a chocarrice. É na verdade, uma grande vergonha para o sexo feminino e uma grande desonra para as virgens consagradas a Deus, quando não guardam a disciplina da sua boca e da sua língua, causadora de tantos males. Não receio dizer que em vão se gloria possuir a virtude no seu coração o religioso que com sua loquacidade perturba o silêncio: *Pois se alguém, como diz a Escritura, fulga que é religioso, não refrando a sua língua mas reduzindo o seu coração, a sua religião é vã*". (BOAVENTURA, 1985: 420).

A preocupação de Boaventura quanto ao descontrole da língua estendia-se também àqueles que tinham o poder da fala e dela faziam uso para ensinar as Sagradas Escrituras. Isto é, o mau falar e a má interpretação dos ensinamentos divinos teriam como consequência uma distorção na compreensão dos ouvintes, causando dúvidas e mau entendimento sobre as Santas Palavras.

No livro *I Fioretti*, escrito pelos discípulos de São Francisco, um dos capítulos é dedicado ao bom e ao mau falar. Nesse capítulo, Frei Egídio, fiel companheiro de São Francisco, ressalta a importância de os pregadores falarem das virtudes, da necessidade de os homens se tornarem virtuosos para receber a graça divina. Argumenta que Deus apreciava aqueles que tinham a obediência, a paciência, a perseverança e sabiam medir as palavras.

"[...] Não repudo menor virtude saber bem calar, do que saber bem falar; e por isso me parece que o homem deveria ter o pescoço tão comprido como o grou, a fim de que, quando quisesse falar, sua palavra passasse por muitos nós antes de lhe chegar à boca; isto é, quando o homem quisesse falar, antes pensasse e repensasse e examinasse e discernisse muito bem o como e o porquê e o tempo e o modo e a condição do auditório e o próprio efeito e a intenção do seu propósito". (FREI EGÍDIO apud SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1950: 273-274).

Estes autores ofereciam detalhes do que eles consideravam a melhor forma de comportamento, de controle de si mesmo, além de outras questões abordadas naquele período. Ao agirem assim, demonstravam sua preocupação educacional, ou seja, com seus discursos, procuravam educar o homem para a sociedade da época. Quando Frei Egídio propunha aos pregadores que falassem sobre as virtudes, que pensassem para falar, ou seja, que tivessem o controle da língua, estava propondo que houvesse organização de comportamento e de ação e que esses comportamentos partissem dos homens que lideravam grupos ou que se destacavam na sociedade como modelos a serem seguidos.

Boaventura complementa que a palavra era um dos centros da natureza porque ela era uma forma de manifestação racional. Por meio dela, para o bem ou para o mal, o homem demonstrava o seu conhecimento, argumentava, convencencia e persuadia; assim, o autor analisava as palavras como sinônimas de ensinamento.

Como exemplo, o autor mencionava as palavras de Cristo na Terra. Cristo tinha sido o centro da disputa argumentativa entre Deus e o Diabo. Ao passo que o Diabo procurava convencer Jesus a realizar ações que o levariam à destruição e à maldade, Deus o convencencia para o bem, para a construção e a reparação. Coube a Cristo discernir entre o bem e o mal e fazer sua escolha e, para Boaventura, Ele só o conseguiu porque ouviu as palavras de Deus e refletiu sobre elas.

"Le Christ fut ce centre lors de la résurrection. Mais il y a l'argument du Christ et l'argument du diable. L'argument du diable conduit en enfer et c'est le paralogisme, argument sophistique et destructeur, et l'argument du Christ est constrictif et réparateur". (BOAVENTURA, 1991:117).

Como as palavras representavam o raciocínio e a possibilidade de organização do pensamento, aquele que tinha a inteligência desenvolvida conseguiria refletir sobre as argumentações do outro e nelas distinguir o que era bom e o que era ruim. Cristo fez isso, soube entender as pretensões do Diabo e compreendeu que a bondade, o coração puro, sem maldades, deveria prevalecer.

Boaventura explicava que, como as palavras se inseriam no coração das pessoas, aqueles que não compreendiam as palavras de Deus estavam propensos a seguir às do Destruidor[2]. Logo, a inteligência era o ponto central de tudo, pois somente ela auxiliava o indivíduo a escolher o caminho a ser seguido: o da salvação ou o da destruição.

Cristo, conforme Boaventura, além de ter conseguido distinguir acertadamente as palavras de Deus e as do Diabo, explicou-as aos homens. Para este autor, Jesus trabalhou com o coração dos indivíduos e levou para lá as palavras da sabedoria divina, favorecendo o desenvolvimento da inteligência inata.

"Comme le diable, en effet, avait rendu l'homme dissemblable à Dieu, alors qu'il avait promis la ressemblance [divine], il fut nécessaire que le Christ devienne semblable à l'homme, afin de rendre l'homme semblable à lui, c'est-à-dire à Dieu. En tant que Dieu, le Christ a la conformité de nature, l'égalité de puissance et

l'immortalité de vie avec le Père et il est uni au Père en ces trois choses. Il lui fut donc nécessaire de s'unir à l'homme dans les trois choses opposées. Il assumava donc la passibilité de la nature, la nécessité de l'indigence et la vie mortelle. C'est ainsi qu'il en eut trois par essence et en assumava trois par miséricorde". (BOAVENTURA, 1991: 118).

Boaventura pautava-se somente na possibilidade de Deus ter criado todas as coisas e deixado ensinamentos para serem cumpridos pelos homens na terra. A presença de Cristo na Terra, cuja existência foi um exemplo de paixão e misericórdia para com a humanidade, destinava-se a convencer o homem a aceitar o bem e não o mal, a se comportar de forma semelhante a Ele. Cristo mostrou-se um mortal, um homem sem poder, que deveria pagar pelos pecados humanos. Para provar que Deus existia e queria o bem de todos, Cristo se uniu ao homem com formas diferentes daquelas que o tornavam semelhante ao Pai Divino.

Boaventura acreditava que o bem da humanidade estava no coração, já que este não se entregaria às palavras do Diabo, ou seja, se todos cressem e entendessem as palavras do Senhor, a alma estaria salva para a eternidade. Era difícil para os indivíduos crerem que Cristo representava o Pai e que tinha ressuscitado para provar que a misericórdia para com o próximo levava a uma vida eterna. Todavia, conforme assevera em *A árvore da vida*, para que os mortais alcançassem essa compreensão e tivessem discernimento para pensar e agir, necessitavam dos sete dons do Espírito Santo. Eis como ele os descreve na seguinte oração:

"Rogamos, pois, ao clementíssimo Pai, por meio de ti, seu unigênito, feito homem por amor de nós, crucificado e glorificado, que de seus tesouros envie sobre nós o Espírito da graça septiforme, o qual *descansou* em ti e em toda a sua plenitude, a saber: o espírito da sabedoria para que gozemos do fruto da Árvore da vida, que és tu, e os sabores que reanimam a vida: o dom do entendimento com que sejam esclarecidos os olhos de nossa mente; o dom do conselho, para caminhar, seguindo as tuas pisadas, pelas sendas da retitude; o dom da fortaleza para triunfar da violência dos inimigos que vos combatem; o dom da ciência para, alumados com os fulgores da sacra doutrina, discernirmos perfeitamente o bem e o mal; o dom da piedade, para *revestir-nos de entranhas de misericórdia*; o dom do temor com que, segregando-nos de todo o mal, docemente repousemos na sujeição reverencial à tua eterna majestade. Estas coisas no-las quiseste que pedíssemos na oração que nos ensinaste, e estas te suplicamos agora, por tua cruz, nos alcances para a glória de teu santíssimo nome, ao qual o Pai e o Espírito Santo sejam dadas todas as honras e toda a glória, ação de graças, louvor e império pelos infinitos séculos dos séculos. Amém". (BOAVENTURA, 1985: 403).

Como consta na oração, para temer o mal e concordar com as palavras do Pai e esclarecer as dúvidas da mente, o primeiro dom era o da inteligência, ou seja, o do entendimento. O dom do conselho era referente a Cristo e aos ensinamentos contidos nas *Palavras Divinas*; o dom da ciência, de acordo com Boaventura, unia-se ao da inteligência; por meio deles se compreenderiam os demais dons que Deus deu aos seres humanos.

Mas Cristo é também mestre do conhecimento que atua pela razão e isto enquanto é *verdade*. De fato, para o conhecimento científico requer-se a verdade imutável por parte do cognoscível e a certeza infalível por parte do cognoscente. Tudo o que se conhece deve, pois, ser assim como é e deve ser certo para aquele que conhece. Só então podemos dizer que sabemos, <> (BOAVENTURA, 1985: 223).

É assim que o autor explicava a importância da ciência para conhecer a verdade. Por meio do conhecimento científico, pautado nos *Ensinamentos Sagrados*, poder-

se-ia entender a existência das coisas, ou seja, a existência de Deus, Criador de tudo e de todos, e a inteligência que Ele deixou para que os indivíduos chegassem a essa descoberta.

Em suma, a palavra, como centro da natureza, era essencial para provar que Deus estava em todas as coisas, inclusive na expressão oral, que poderia persuadir o indivíduo a tomar na vida terrena o bom ou o mau caminho, mas como Boaventura afirmava constantemente, aqueles que conseguiam possuir os dons do Espírito Santo jamais escolheriam o caminho do mal.

Por meio das explicações de Boaventura, entendemos que a preocupação dele e de vários autores do passado centrou-se acerca da relevância do desenvolvimento cognitivo. Boaventura observou, como necessidade de sua época, esclarecer, dentro da Universidade de Paris, que as palavras, sejam elas lidas, escritas ou faladas favoreciam aos homens uma ordem de raciocínio que facilitava a compreensão de mundo e da própria existência.

O falar, para ele, estava ligado ao desenvolvimento de interpretar e de escrever, porque ao conseguir organizar o pensamento de outro autor e entender sua escrita, ou o de escrever as suas ideias, o indivíduo estaria organizando o pensamento e, conseqüentemente, a fala. Dessa forma, para o autor, ao expressar pelas palavras o conhecimento, o orador deveria estar preparado, ou seja, ter desenvolvido o seu intelecto.

Desse modo, ao nos pronunciarmos, hoje, no início do século XXI, sobre as questões da leitura e linguagem, devemos compreender que em vários períodos históricos o homem teve a preocupação e a sensibilidade de entender que o ser humano, para se fazer um indivíduo social e interagir com as exigências que estavam vigorando, precisava da comunicação oral e escrita para expressar opiniões, sugestões e argumentações que viabilizassem a sua sobrevivência.

Por conseguinte, o tema leitura, escrita e linguagem não se faz atual como discussão geral; entretanto, devemos analisar que cada período histórico prioriza algumas questões. Hoje, não procuramos mais mostrar aos nossos alunos que eles precisam, necessariamente, interpretar as Sagradas Escrituras para desenvolver a inteligência, porém sabemos que há uma defasagem na compreensão interpretativa e que isso, provavelmente, propicia a falta de reflexão, que resulta na desorganização do pensamento.

Neste sentido, a nosso ver a leitura dos clássicos se torna fundamental para a compreensão de que a história apresenta exemplos acerca do desenvolvimento da humanidade, suas prioridades, suas rejeições, questões sócio/política/econômica que envolvem com relevância os conceitos de moral, de religião e de educação. Questões estas que têm um significado particular para cada época histórica, mas que por meio da leitura, da linguagem e da interpretação podemos compreender que, apesar da distância cronológica, algumas preocupações do período nos favorecem um melhor discernimento dos nossos anseios atuais.

Referências

DE BONI, Alberto Luis. *São Boaventura: Obras Escolhidas*. Caxias do Sul: Editora Vozes/Livraria Sulina Editora, 1983.

FREI EGÍDIO Apud SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *I Fioretti*. Trad. Durval de Moraes. III edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1950.

HUGO DE SÃO VITOR. *Didascálion: Da arte de ler*. Petrópolis: editora Vozes, 2001.

SANTO AGOSTINHO. Confissões. In: *Pensadores*. São Paulo: Abril cultural, 2000

SAINT BONAVENTURE. Première Conférence. In : *Les six jours de la création*. Paris: Desclée/Clerf, 1991.

SAINT BONAVENTURE. Treizième Conférence. In : *Les six jours de la création*. Paris: Desclée/Clerf, 1991.

SÃO BOAVENTURA. A árvore da vida. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul : Livraria Sulina Editora, 1985

SÃO BOAVENTURA. A perfeição da vida. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul : Livraria Sulina Editora, 1985.

SÃO BOAVENTURA. Cristo, único mestre de todos. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul : Livraria Sulina Editora, 1985.

[1] De Boni, no livro *São Boaventura: Obras Escolhidas, 1983, p.XVII, postula que "A Escola de São Vitor, através de seus dois mais conhecidos representantes, Hugo e Ricardo, é patrimônio comum dos textos do século XIII. De Hugo, Boaventura retira esquemas que lhe permitem escrever *A Redução das Ciências à Teologia* e parte do *Brevilóquio*. Há traços importantes dessa escola também nos estudos bonaventurinos acerca da Trindade e da mística".*

[2] Boaventura cita inúmeras vezes Santo Agostinho. Quando analisa a questão das palavras, por exemplo, ele utiliza as considerações desse religioso sobre a interpretação e o sentido da linguagem para o entendimento das Sagradas Escrituras: "[...] já atribuía à elevação dos mistérios as obscuridades que na Sagrada Escritura me costumava impressionar, conquanto tivesse ouvido muitas explicações verossímeis a esse respeito. A sacrossanta quanto era claro que, possuindo a Escritura qualidade de ser facilmente lida por todos os homens, reservava a dignidade dos seus mistérios para uma percepção mais profunda" (AGOSTINHO. Confissões. Livro VI, cap.5, §8, In: *Os Pensadores*. Nova Cultural. São Paulo, 2000, p.153).

Analisar a importância da leitura e da escrita requer uma reflexão sobre o papel de cada uma para o desenvolvimento cognitivo. Neste sentido, quando nos propomos a fazer essa discussão, não estamos somente avaliando que a leitura e a escrita cumprem um papel fundamental na sociedade para uma comunicação formal e interpretativa, mas sim que ambas são essenciais para a organização do pensamento e que revelam, por meio das palavras, a flexibilidade do intelecto.

Logo, expressar o pensamento mediante a leitura, comunicação e escrita é apresentar uma ordenação de ideias que deve coadunar com o sentido das palavras e com a formação de frases que levem à interpretação do leitor e/ou do ouvinte. Aparentemente, nos parece automático aprendermos a falar muito cedo; e o aprender a ler normalmente ocorre na transição da idade biológica, que permite a iniciação escolar. Entretanto, o que presenciamos na sociedade são alunos com grande dificuldade de leitura e de escrita e, muitas vezes, sem condições de interpretação de textos.

Essa discussão está na ordem do dia, e julgamos ser bastante pertinente. Lemos e ouvimos de vários autores que os alunos estão adentrando nas universidades com dificuldades de interpretação, de leitura e de escrita. Diante disso, as seguintes questões se nos impõem: O que fazer? Como preencher essa lacuna? Como ensinar o conteúdo científico se há dificuldades de interpretações em textos mais simples? Essas são algumas perguntas que nos fazemos ao participar de debates. Esse tema, contudo, não é atual, talvez assim pareça porque deixamos de nos preocupar com o enriquecimento do vocabulário dos alunos e quando percebemos estes já estavam abreviando as palavras para escrever e se comunicar, escrevendo erroneamente e não cumprindo a formalidade exigida pelos padrões da Língua Portuguesa.

Nesse âmbito, objetivamos apresentar neste trabalho é que essa preocupação com a leitura e a escrita remonta ao passado, e a valorização da leitura, da escrita e da comunicação sempre teve uma conotação expressiva, pois aprender a usar as palavras, ler e a escrever corresponde a pensar e a refletir sobre as próprias ações. Para alguns autores da medievalidade, esse era o ponto principal para levar os homens a perceberem que o pensamento deveria ser organizado e reflexivo para a organização da própria vida.

O autor central para este estudo é São Boaventura de Bagnoregio, do final do século XIII, que usou seu intelecto para proferir algumas conferências na Universidade de Paris a fim de revelar aos indivíduos que a vida terrena deveria se pautar nos

mandamentos de Deus, porque acreditava que a boa conduta levá-los-ia a conseguir, um dia, voltar às raízes da criação, ou seja, à vida eterna. Entretanto, segundo Boaventura, para isso era preciso que os homens soubessem interpretar os Ensinamentos Sagrados e os seguissem, porque somente assim desenvolveriam o intelecto e entenderiam Deus e as suas criações.

Boaventura não foi o único autor a se debruçar sobre essa temática; diversos autores se ativeram às palavras divinas e aos seus significados. Dentre eles, destacamos Hugo de São Vitor¹, citado inúmeras vezes por Boaventura em suas obras por impor, no século XII, regras de estudo para a leitura.

Três coisas são necessárias aos estudantes: 1) as qualidades naturais, 2) o exercício e 3) a disciplina. As qualidades naturais, pra que entenda facilmente aquilo que ouve e memorize firmemente aquilo que entendeu. O exercício, para que eduque as qualidades naturais mediante o trabalho e a persistência. A disciplina, para que, vivendo em modo louvável, harmonize a conduta com o saber (SÃO VITOR, 2001:147).

De acordo com São Vitor, para desenvolver as três coisas necessárias para o estudo o indivíduo tinha de ter a inteligência e a memória à disposição das atividades, porque sem uma delas o processo de aprendizagem seria inviável. São Vitor se referia aos quesitos biológicos naturais que Deus deu a cada ser humano e que estavam presentes na maioria das pessoas. No entanto, ele afirmava que para o uso da inteligência e da memória ambas deveriam ser desenvolvidas e, para isso, precisavam de exercícios e disciplina.

O exercício, conforme São Vitor, acontecia por meio da leitura e da meditação. Para o autor, a leitura favorecia regras e preceitos que levavam à ordem da leitura, visto que cada disciplina tinha uma forma de ser lida e interpretada, e portanto deveria ter um método de leitura, que correspondia ao modo de ler. Ainda para São Vitor, o modo de ler consistia em uma divisão, ou seja, a divisão do material para o abstrato, a fim de se chegar à meditação. Por exemplo, a leitura das coisas deveria ser iniciada por aquilo que já se conhecia na sua totalidade para depois chegar às particularidades de difícil

¹ De Boni, no livro *São Boaventura: Obras Escolhidas, 1983, p.XVII, postula que* “A Escola de São Vitor, através de seus dois mais conhecidos representantes, Hugo e Ricardo, é patrimônio comum dos textos do século XIII. De Hugo, Boaventura retira esquemas que lhe permitem escrever *A Redução das Ciências à Teologia* e parte do *Brevilóquio*. Há traços importantes dessa escola também nos estudos bonaventurinos acerca da Trindade e da mística”.

compreensão. Este autor ainda se pronuncia sobre *A ordem da exposição do texto* com o seguinte texto:

A exposição de um texto contém três elementos: 1) a letra, 2) o significado, 3) o pensamento. Em toda narração há a letra, pois as próprias vozes são letras, mas o significado e o pensamento não se encontram juntos em todas as narrações. Algumas contém somente a letra e o significado, outras somente a letra e o pensamento, algumas os três elementos juntos. Toda narração deve ter ao menos dois elementos. Possui somente letra e significado a narração na qual, pelo próprio enunciado algo é significado tão claramente, que nada mais resta a subentender. Possui somente a letra e pensamento aquela narração na qual o ouvinte não pode conceber nada a partir da sua enunciação, se não é acrescentada uma exposição (SÃO VITOR, 2001:257).

Hugo de São Vitor pontua que deveria haver uma complexidade de pensamento para compreender o significado de um texto, e em sua visão a compreensão desses signos se dava somente pelo uso da reflexão. As letras e as palavras eram os signos mais completos de abstração e significados, porque o indivíduo, para entender a mensagem oral ou escrita, teria de abstrair as letras e formar palavras que correspondiam a uma interpretação de sons ou de textos que produziam uma comunicação entre duas ou mais pessoas.

Boaventura faz uma exposição relativa à importância da leitura, da escrita e da comunicação muito parecida com a de São Vitor, ao asseverar que o homem, para desenvolver o seu intelecto, deveria saber ler e interpretar os ensinamentos de Deus, pois assim ele aprenderia a usar as ciências e entenderia a criação de todas as coisas. Em seu entendimento, ao usar o raciocínio e compreender o que estava posto, ocorreria uma reflexão sobre a criação do mundo e de tudo o que o compunha, e com isso se chegaria à abstração, que para o autor era compreender Deus como único criador de tudo e de todos.

Para explicar sobre Deus e a sobre a inteligência que Este proporcionou aos homens, Boaventura retoma a discussão, já realizada por São Vitor, sobre a compreensão das letras e das palavras, preconizando que,

Or l'Écriture a de nombreuses intelligences, parce que telle doit être la voix de Dieu afin d'être <<sublime>>. Les autres sciences sont contenues sous un seul sens, mais en elle le sens est multiple, et les mots et les choses signifient. Or dans les autres sciences les mots seuls signifient, parce que chaque doctrine est déterminée par des signes qui lui conviennent. Aussi les lettres e les mots, dont les lettres sont les principes,

sont les signes des intellectes sont limités et finis, pour cette même raison les mots le sont également, afin que, le nom étant posé, il n'y ait pas d'usage équivoque (BOAVENTURA, 1991: 306).

Para Boaventura, a Sagrada Escritura representava as letras e as palavras de Deus ou o ensinamento divino que poderiam ser entendidos pelo pensamento reflexivo, também favorecido pelo Criador. Para isso, Deus criou o intelecto, para que por meio dele o homem pudesse compreender e fazer uso das palavras e de seus significados, e explicar que Deus era o criador das almas, da inteligência, das palavras, dos signos e do sentido que os signos exprimiam.

Este autor vai além da questão da importância da leitura, da escrita e da interpretação das palavras, discorrendo acerca do uso das palavras por meio da fala. Para ele, tudo estava muito relacionado, porque para a organização do pensamento era preciso entender o que se pensa com as palavras. Não obstante, ele pontuava que a compreensão abstrata só era realizada quando havia uma ordenação das ideias e passado pelo conhecimento das ciências.

São Boaventura procurava mostrar aos indivíduos que falar era, sem dúvida, um ato propiciado pelo Criador e, portanto, tinha poder: se essas pessoas não fizessem bom uso das palavras, isso poderia desencadear consequências ruins, como ofensas, injúrias, blasfêmia.

Boaventura entendia que o uso das palavras era um motivo de preocupação e reflexão, pois somente quando o indivíduo pensava e analisava suas palavras com paciência podia se tornar um bom orador.

O silêncio, ou a medida das palavras seria uma das melhores virtudes porque, na acepção do autor, as palavras mal ditas e mal usadas correspondiam a pecados e agressões. Por esse motivo, o homem que falava pouco e tinha a sensatez das palavras normalmente era justo e produzia a paz.

A paz, para Boaventura, era o primórdio da perfeição da vida, ou seja, aquele que conseguia ter ou preservar a paz provavelmente seguia os ensinamentos de Deus e tinha o corpo e a alma sustentados pelas Sagradas Escrituras.

[...] é-lhes igualmente necessário o silêncio, pelo qual é conservada a paz, tanto do coração como do corpo. Neste sentido, diz o profeta *Isaías*, considerando a virtude do silêncio: *A obra da justiça é a paz, e o culto da*

justiça é o silêncio, como se dissesse: tal é o poder do silêncio que conserva no homem a justiça para com Deus e entre os semelhantes nutre e guarda a paz. Se o homem não põe com muito cuidado *uma guarda à sua boca*, não só dissipará bem cedo as graças que recebeu, mas incorrerá ainda em muitos males (BOAVENTURA, 1985: 420).

Como a língua era um pequeno órgão que provocava intemperanças na vida das pessoas, se elas não soubessem fazer proveito dele, este acabaria sendo transformado, conforme as palavras do autor, em um “veneno mortífero”.

[...] Queres ouvir e saber quantos males produz a língua, quando não é guardada solícitamente? Pois ouve: a língua produz a blasfêmia, a murmuração, a defesa do pecado, o perjúrio, a mentira, a detração, a adulação, as pragas, as injúrias, as rixas, a ridicularização dos bens, os maus conselhos, a difamação, a jactância, a revelação dos segredos, as ameaças e promessas arrogantes, o excesso no falar, a chocarrice. É na verdade, uma grande vergonha para o sexo feminino e uma grande desonra para as virgens consagradas a Deus, quando não guardam a disciplina da sua boca e da sua língua, causadora de tantos males. Não receio dizer que em vão se gloria possuir a virtude no seu coração o religioso que com sua loquacidade perturba o silêncio: *Pois se alguém, como diz a Escritura, fulga que é religioso, não refrando a sua língua mas reduzindo o seu coração, a sua religião é vã* (BOAVENTURA, 1985: 420).

A preocupação de Boaventura quanto ao descontrole da língua estendia-se também àqueles que tinham o poder da fala e dela faziam uso para ensinar as Sagradas Escrituras. Isto é, o mau falar e a má interpretação dos ensinamentos divinos teriam como consequência uma distorção na compreensão dos ouvintes, causando dúvidas e mau entendimento sobre as Santas Palavras.

No livro *I Fioretti*, escrito pelos discípulos de São Francisco, um dos capítulos é dedicado ao bom e ao mau falar. Nesse capítulo, Frei Egídio, fiel companheiro de São Francisco, ressalta a importância de os pregadores falarem das virtudes, da necessidade de os homens se tornarem virtuosos para receber a graça divina. Argumenta que Deus apreciava aqueles que tinham a obediência, a paciência, a perseverança e sabiam medir as palavras.

[...] Não repudo menor virtude saber bem calar, do que saber bem falar; e por isso me parece que o homem deveria ter o pescoço tão comprido como o grou, a fim de que, quando quisesse falar, sua palavra passasse por muitos nós antes de lhe chegar à boca; isto é, quando o homem quisesse falar, antes pensasse e repensas e examinasse e discernisse

muito bem o como e o porquê e o tempo e o modo e a condição do auditório e o próprio efeito e a intenção do seu propósito (FREI EGÍDIO apud SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1950: 273-274).

Estes autores ofereciam detalhes do que eles consideravam a melhor forma de comportamento, de controle de si mesmo, além de outras questões abordadas naquele período. Ao agirem assim, demonstravam sua preocupação educacional, ou seja, com seus discursos, procuravam educar o homem para a sociedade da época. Quando Frei Egídio propunha aos pregadores que falassem sobre as virtudes, que pensassem para falar, ou seja, que tivessem o controle da língua, estava propondo que houvesse organização de comportamento e de ação e que esses comportamentos partissem dos homens que lideravam grupos ou que se destacavam na sociedade como modelos a serem seguidos.

Boaventura complementa que a palavra era um dos centros da natureza porque ela era uma forma de manifestação racional. Por meio dela, para o bem ou para o mal, o homem demonstrava o seu conhecimento, argumentava, convenciam e persuadia; assim, o autor analisava as palavras como sinônimas de ensinamento.

Como exemplo, o autor mencionava as palavras de Cristo na Terra. Cristo tinha sido o centro da disputa argumentativa entre Deus e o Diabo. Ao passo que o Diabo procurava convencer Jesus a realizar ações que o levariam à destruição e à maldade, Deus o convenciam para o bem, para a construção e a reparação. Coube a Cristo discernir entre o bem e o mal e fazer sua escolha e, para Boaventura, Ele só o conseguiu porque ouviu as palavras de Deus e refletiu sobre elas.

Le Christ fut ce centre lors de la résurrection. Mais il y a l'argument du Christ et l'argument du diable. L'argument du diable conduit en enfer et c'est le paralogisme, argument sophistique et destructeur, et l'argument du Christ est constrictif et réparateur (BOAVENTURA, 1991:117).

Como as palavras representavam o raciocínio e a possibilidade de organização do pensamento, aquele que tinha a inteligência desenvolvida conseguiria refletir sobre as argumentações do outro e nelas distinguir o que era bom e o que era ruim. Cristo fez isso, soube entender as pretensões do Diabo e compreendeu que a bondade, o coração puro, sem maldades, deveria prevalecer.

Boaventura explicava que, como as palavras se inseriam no coração das pessoas, aqueles que não compreendiam as palavras de Deus estavam propensos a seguir às do

Destruidor². Logo, a inteligência era o ponto central de tudo, pois somente ela auxiliava o indivíduo a escolher o caminho a ser seguido: o da salvação ou o da destruição.

Cristo, conforme Boaventura, além de ter conseguido distinguir acertadamente as palavras de Deus e as do Diabo, explicou-as aos homens. Para este autor, Jesus trabalhou com o coração dos indivíduos e levou para lá as palavras da sabedoria divina, favorecendo o desenvolvimento da inteligência inata.

Comme le diable, en effet, avait rendu l'homme dissemblable à Dieu, alors qu'il avait promis la ressemblance [divine], il fut nécessaire que le Christ devienne semblable à l'homme, afin de rendre l'homme semblable à lui, c'est-à-dire à Dieu. En tant que Dieu, le Christ a la conformité de nature, l'égalité de puissance et l'immortalité de vie avec le Père et il est uni au Père en ces trois choses. Il lui fut donc nécessaire de s'unir à l'homme dans les trois choses opposées. Il assumait donc la passibilité de la nature, la nécessité de l'indigence et la vie mortelle. C'est ainsi qu'il en eut trois par essence et en assumait trois par miséricorde (BOAVENTURA, 1991: 118).

Boaventura pautava-se somente na possibilidade de Deus ter criado todas as coisas e deixado ensinamentos para serem cumpridos pelos homens na terra. A presença de Cristo na Terra, cuja existência foi um exemplo de paixão e misericórdia para com a humanidade, destinava-se a convencer o homem a aceitar o bem e não o mal, a se comportar de forma semelhante a Ele. Cristo mostrou-se um mortal, um homem sem poder, que deveria pagar pelos pecados humanos. Para provar que Deus existia e queria o bem de todos, Cristo se uniu ao homem com formas diferentes daquelas que o tornavam semelhante ao Pai Divino.

Boaventura acreditava que o bem da humanidade estava no coração, já que este não se entregaria às palavras do Diabo, ou seja, se todos cressem e entendessem as palavras do Senhor, a alma estaria salva para a eternidade. Era difícil para os indivíduos crerem que Cristo representava o Pai e que tinha ressuscitado para provar que a misericórdia para com o próximo levava a uma vida eterna. Todavia, conforme assevera em *A árvore da vida*, para que os mortais alcançassem essa compreensão e tivessem discernimento para

² Boaventura cita inúmeras vezes Santo Agostinho. Quando analisa a questão das palavras, por exemplo, ele utiliza as considerações desse religioso sobre a interpretação e o sentido da linguagem para o entendimento das Sagradas Escrituras: “[...] já atribuía à elevação dos mistérios as obscuridades que na Sagrada Escritura me costumava impressionar, conquanto tivesse ouvido muitas explicações verossímeis a esse respeito. A sacrossanta quanto era claro que, possuindo a Escritura qualidade de ser facilmente lida por todos os homens, reservava a dignidade dos seus mistérios para uma percepção mais profunda” (AGOSTINHO. Confissões. Livro VI, cap.5, §8, In: *Os Pensadores*. Nova Cultural. São Paulo, 2000, p.153).

pensar e agir, necessitavam dos sete dons do Espírito Santo. Eis como ele os descreve na seguinte oração:

Rogamos, pois, ao clementíssimo Pai, por meio de ti, seu unigênito, feito homem por amor de nós, crucificado e glorificado, que de seus tesouros envie sobre nós o Espírito da graça septiforme, o qual *descansou* em ti e em toda a sua plenitude, a saber: o espírito da sabedoria para que gozemos do fruto da Árvore da vida, que és tu, e os sabores que reanimam a vida: o dom do entendimento com que sejam esclarecidos os olhos de nossa mente; o dom do conselho, para caminharmos, seguindo as tuas pisadas, pelas sendas da retitude; o dom da fortaleza para triunfar da violência dos inimigos que vos combatem; o dom da ciência para, alumiados com os fulgores da sacra doutrina, discernirmos perfeitamente o bem e o mal; o dom da piedade, para *revestir-nos de entranhas de misericórdia*; o dom do temor com que, segregando-nos de todo o mal, docemente repousemos na sujeição reverencial à tua eterna majestade. Estas coisas no-las quiseste que pedíssemos na oração que nos ensinaste, e estas te suplicamos agora, por tua cruz, nos alcances para a glória de teu santíssimo nome, ao qual o Pai e o Espírito Santo sejam dadas todas as honras e toda a glória, ação de graças, louvor e império pelos infinitos séculos dos séculos. Amém (BOAVENTURA, 1985: 403).

Como consta na oração, para temer o mal e concordar com as palavras do Pai e esclarecer as dúvidas da mente, o primeiro dom era o da inteligência, ou seja, o do entendimento. O dom do conselho era referente a Cristo e aos ensinamentos contidos nas *Palavras Divinas*; o dom da ciência, de acordo com Boaventura, unia-se ao da inteligência; por meio deles se compreenderiam os demais dons que Deus deu aos seres humanos.

Mas Cristo é também mestre do conhecimento que atua pela razão, e isto enquanto é *verdade*. De fato, para o conhecimento científico requer-se a verdade imutável por parte do cognoscível e a certeza infalível por parte do cognoscente. Tudo o que se conhece deve, pois, ser assim como é e deve ser certo para aquele que conhece. Só então podemos dizer que sabemos, <<quando estamos certos de saber a causa pela qual a coisa existe, e sabemos, porque é impossível que a causa se porte diversamente>> (BOAVENTURA, 1985: 223).

É assim que o autor explicava a importância da ciência para conhecer a verdade. Por meio do conhecimento científico, pautado nos *Ensinamentos Sagrados*, poder-se-ia entender a existência das coisas, ou seja, a existência de Deus, Criador de tudo e de todos, e a inteligência que Ele deixou para que os indivíduos chegassem a essa descoberta.

Em suma, a palavra, como centro da natureza, era essencial para provar que Deus estava em todas as coisas, inclusive na expressão oral, que poderia persuadir o indivíduo a

tomar na vida terrena o bom ou o mau caminho, mas como Boaventura afirmava constantemente, aqueles que conseguiam possuir os dons do Espírito Santo jamais escolheriam o caminho do mal.

Por meio das explicações de Boaventura, entendemos que a preocupação dele e de vários autores do passado centrou-se acerca da relevância do desenvolvimento cognitivo. Boaventura observou, como necessidade de sua época, esclarecer, dentro da Universidade de Paris, que as palavras, sejam elas lidas, escritas ou faladas favoreciam aos homens uma ordem de raciocínio que facilitava a compreensão de mundo e da própria existência.

O falar, para ele, estava ligado ao desenvolvimento de interpretar e de escrever, porque ao conseguir organizar o pensamento de outro autor e entender sua escrita, ou o de escrever as suas ideias, o indivíduo estaria organizando o pensamento e, conseqüentemente, a fala. Dessa forma, para o autor, ao expressar pelas palavras o conhecimento, o orador deveria estar preparado, ou seja, ter desenvolvido o seu intelecto.

Desse modo, ao nos pronunciarmos, hoje, no início do século XXI, sobre as questões da leitura e linguagem, devemos compreender que em vários períodos históricos o homem teve a preocupação e a sensibilidade de entender que o ser humano, para se fazer um indivíduo social e interagir com as exigências que estavam vigorando, precisava da comunicação oral e escrita para expressar opiniões, sugestões e argumentações que viabilizassem a sua sobrevivência.

Por conseguinte, o tema leitura, escrita e linguagem não se faz atual como discussão geral; entretanto, devemos analisar que cada período histórico prioriza algumas questões. Hoje, não procuramos mais mostrar aos nossos alunos que eles precisam, necessariamente, interpretar as Sagradas Escrituras para desenvolver a inteligência, porém sabemos que há uma defasagem na compreensão interpretativa e que isso, provavelmente, propicia a falta de reflexão, que resulta na desorganização do pensamento.

Neste sentido, a nosso ver a leitura dos clássicos se torna fundamental para a compreensão de que a história apresenta exemplos acerca do desenvolvimento da humanidade, suas prioridades, suas rejeições, questões sócio/política/econômica que

envolvem com relevância os conceitos de moral, de religião e de educação. Questões estas que têm um significado particular para cada época histórica, mas que por meio da leitura, da linguagem e da interpretação podemos compreender que, apesar da distância cronológica, algumas preocupações do período nos favorecem um melhor discernimento dos nossos anseios atuais.

Referências

DE BONI, Alberto Luis. *São Boaventura: Obras Escolhidas*. Caxias do Sul: Editora Vozes/Livraria Sulina Editora, 1983.

FREI EGÍDIO Apud SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *I Fioretti*. Trad. Durval de Moraes. III edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1950.

HUGO DE SÃO VITOR. *Didascálion: Da arte de ler*. Petrópolis: editora Vozes, 2001.

SANTO AGOSTINHO. Confissões. In: *Pensadores*. São Paulo: Abril cultural, 2000

SAINT BONAVENTURE. Première Conférence. In : *Les six jours de la création*. Paris: Desclée/Clerf, 1991.

SAINT BONAVENTURE. Treizième Conférence. In : *Les six jours de la création*. Paris: Desclée/Clerf, 1991.

SÃO BOAVENTURA. A árvore da vida. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul : Livraria Sulina Editora, 1985

SÃO BOAVENTURA. A perfeição da vida. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul : Livraria Sulina Editora, 1985.

SÃO BOAVENTURA. Cristo, único mestre de todos. In: *Obras Escolhidas*. Org. Luis A. De Boni. Caxias do Sul : Livraria Sulina Editora, 1985.